

REFLEXÕES DE UM CORPO SEM LUGAR: O DIÁRIO DE MAURA LOPES CANÇADO¹

Daniele Ribeiro Fortuna²

RESUMO: Este texto tem por objetivo fazer uma análise do diário da escritora Maura Lopes Cançado, publicado no livro *O hospício é Deus*. Nele, Maura relata parte do período em que ficou internada em um hospício, no Rio de Janeiro, no final da década de 1950. A análise tem como foco o corpo e as emoções da escritora retratadas em seu diário. De forma a embasar a análise, o artigo apresenta brevemente as mudanças sofridas pelo corpo na sociedade para, em seguida, focar no diário de Maura Lopes Cançado.

Palavras-chave: Maura Lopes Cançado; Diário; Corpo.

THOUGHTS ON A BODY WITHOUT PLACE: MAURA LOPES CANÇADO'S DIARY

ABSTRACT: This text aims to make an analysis of the diary of the writer Maura Lopes Cançado, published in the book *O hospício é Deus*. In it, Maura relates part of the period in which she was hospitalized in a hospice, in Rio de Janeiro, in the late 1950s. The analysis focuses on the body and emotions of the writer portrayed in her diary. In order to base the analysis, the article briefly presents the changes undergone by the body in society and then focuses on Maura Lopes Cançado's diary.

Keywords: Maura Lopes Cançado; Diary, Body.

Introdução

Este texto tem por objetivo fazer uma análise do diário da escritora Maura Lopes Cançado, publicado no livro *O hospício é Deus*. Nele, Maura relata parte do período em que ficou internada em um hospício, no Rio de Janeiro, no final da década de 1950. O diário, para

¹ A autora agradece à FAPERJ o financiamento da pesquisa. Uma primeira versão deste texto foi apresentada no VII Congresso Internacional de Pesquisa (Auto)biográfica.

² Possui pós doutorado em Comunicação pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Doutorado em Letras pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro, com estágio de doutorado-sanduíche na Georgetown University, em Washington, D.C., EUA. Atualmente é professor Adjunto Doutor I da Universidade Unigranrio, atuando na graduação em Comunicação Social e no mestrado acadêmico e doutorado Humanidades, Culturas e Artes. É bolsista de produtividade em pesquisa 1A (Unigranrio / Funadesp).

ela, seria um lugar de sobrevivência e resistência; um abrigo para um corpo sem lugar na sociedade. Maltratada dentro do hospício e atormentada com pensamentos persecutórios e angustiantes, a escritora desabafava em seu diário, o que lhe permitia manter alguma conexão com a realidade.

Para a escritora mineira, a escrita também era abrigo no meio do caos. Permitiu-lhe sobreviver no hospício e manter algum contato com o seu lado lúcido e com a realidade. Maura era um corpo fora do lugar – tanto na sociedade como no hospício. Desde pequena, Maura sempre foi considerada desajustada. Mas, mesmo no manicômio, ela se destacava das outras pacientes internadas por ser provocativa e criar confusões. Mesmo no hospício, era um corpo fora do lugar.

Antes de conhecer um pouco mais sobre a vida de Maura e seu diário, é preciso entender de que corpo estamos falando.

Breve história dos corpos sem lugar

Impossível pensar na sociedade atualmente sem refletir sobre a questão do corpo, principalmente aqueles que se encontram deslocados na sociedade. Ao nos determos sobre o tema do corpo ao longo da história, é possível constatar que o papel deste na vida dos sujeitos foi se modificando. Se pensarmos na Idade Média, por exemplo, veremos que corpo, vida e morte caminhavam juntos. A vida era um ciclo interminável, ao qual nem a morte colocava fim. De acordo com Rodrigues (1995), naquele tempo, até a relação dos seres humanos com seus orifícios era diferente. Não havia problema defecar em público ou escarrar. Jogar excrementos nos outros durante os festejos também era considerado motivo de riso e não de nojo ou vergonha. Mas o surgimento das cidades e da noção de individualismo implicou mudanças no comportamento do corpo em sociedade.

Com o tempo, o comportamento corporal foi se modificando. Le Breton (2011) considera que o surgimento do individualismo ocidental foi fundamental para esta mudança:

O corpo como elemento isolável do homem (...) não é pensável senão nas estruturas sociais de tipo individualista, nas quais os homens estão separados uns dos outros, relativamente autônomos em suas iniciativas, em seus valores. O corpo funciona à maneira de um marco de fronteira para delimitar perante os outros a presença do sujeito. Ele é fator de individuação. (LE BRETON, 2011, p. 32)

A forma como as casas eram estruturadas também foi se modificando, o que contribuiu para o isolamento dos corpos. Se antes não havia separação dos corpos, com o tempo, os espaços foram se dividindo em cômodos – cada um com um objetivo específico. Começou a haver também uma preocupação maior com a higiene e as necessidades fisiológicas. Era preciso recolher os dejetos a lugares separados, distantes dos olhares das pessoas.

Le Breton (2011) aponta que, no século XVII, o corpo foi ainda mais coisificado, transformando-se em objeto da ciência. Para corrigi-lo e fazer dele parte de um sistema mecânico, foi preciso associá-lo à noção de máquina. De acordo com o autor, esta visão mecanicista passou a prevalecer sobre as demais maneiras de se encarar o corpo.

A Revolução Industrial criou o corpo-ferramenta e, posteriormente, o corpo-consumidor (RODRIGUES, 1995). Não era necessário somente uma máquina que produzisse incessantemente, mas também corpos que consumissem essa produção. Nesse sentido, o corpo passou a ser alvo de uma corrida desenfreada: trabalhar incessantemente para poder consumir a maior quantidade de produtos possível.

Segundo Foucault (1977), para manter este sistema funcionando ‘perfeitamente’, era preciso controlar o corpo, tornando-o sempre útil: “É dócil um corpo que pode ser submetido, que pode ser utilizado, que pode ser transformado e aperfeiçoado.” (FOUCAULT, 1977, P. 126).

Para Foucault, a preocupação em manter os corpos sob controle tornou-se mais acentuada a partir do século XVIII, quando surgiram métodos mais competentes de coerção do sujeito: “Esses métodos que permitem o controle minucioso das operações do corpo, que realizam a sujeição constante de suas forças e lhes impõem uma relação de docilidade-utilidade, são o que podemos chamar as ‘disciplinas’”. (FOUCAULT, 1977, p. 126).

Tais métodos disciplinares já existiam há bastante tempo em lugares como conventos, exércitos e até oficinas, mas que se tornaram “fórmulas gerais de dominação” (FOUCAULT, 1977, p. 126). O objetivo é tornar o corpo útil e obediente, aumentando também suas habilidades.

Nesse sentido, foi crucial o papel das escolas, dos espaços hospitalares e da organização militar. São nesses lugares que se desenvolvem “técnicas sempre minuciosas, muitas vezes íntimas, mas que têm sua importância: porque definem um certo modo de investimento político e detalhado do corpo, uma nova ‘microfísica do poder’” (FOUCAULT, 1977, p. 128).

Dentre essas minúcias, Foucault (1977, p. 129) enfatiza o papel da educação cristã e a pedagogia escolar ou militar:

A minúcia dos regulamentos, o olhar esmiuçante das inspeções, o controle das mínimas parcelas da vida e do corpo darão em breve, no quadro da escola, do quartel, do hospital ou da oficina, um conteúdo laicizado, uma racionalidade econômica ou técnica a esse cálculo místico do ínfimo e do infinito.

Assim, os corpos precisam se disciplinados, contidos, para que seja possível prever suas reações. Todos os objetivos traçados devem ser facilmente alcançados. Os corpos dóceis fazem a vida organizada e sem percalços indesejados. Os hospitais e hospícios têm papel fundamental na manutenção dessa docilidade. Neles não somente há a busca pelo controle da doença, mas também uma tentativa de escondê-la. Segundo Foucault (1979, p. 121):

A prática do internamento no começo do século XIX coincidiu com o momento em que a loucura é percebida menos com relação ao erro do que com relação à conduta regular e normal. Momento em que aparece não mais como julgamento perturbado mas como desordem na maneira de agir, de querer, de sentir paixões, de tomar decisões e de ser livre.

Se há desordem, então, deve haver controle para que tudo volte à normalidade. E, para tanto, qualquer estratégia é válida, como “isolamento, interrogatório particular ou público, tratamentos-punições como a ducha, pregações morais, encorajamentos ou repreensões, disciplina rigorosa, trabalho obrigatório” etc. (FOUCAULT, 1979, p. 122)

A busca pela docilidade do corpo ainda está na ordem do dia. Entretanto, os mecanismos de resistência continuam a existir, tal como as fugas, resistências e desobediências às disciplinas. Não se pode negar que a disciplina ajuda a manter a ordem nas sociedades. Porém, é importante ressaltar que a disciplina, além de igualar os indivíduos, coloca sob suspeita qualquer um que não se enquadre no padrão que o senso comum considera adequado – como é o caso dos escritores analisados na pesquisa.

Nos dias de hoje, o corpo se encontra cada vez mais fragmentado, invisível e sujeito às imposições do cotidiano e das técnicas da medicina.

Le Breton (2011, p. 145) afirma que “a partir das ações diárias do homem, o corpo se faz invisível, ritualmente apagado pela repetição incansável das mesmas situações e a familiaridade das recepções sensoriais”. Com isso, as regras impostas pela vida cotidiana têm influência fundamental no comportamento corporal. Torna-se necessário viver de acordo com os padrões

que a sociedade considera aceitável. Consequentemente, acabamos por aprender como devemos nos comportar em função da disciplina e da repetição.

De acordo com Le Breton (2011, p. 147): “Nas condições habituais da vida, o corpo é transparente ao ator que o habita. Ele desliza com fluidez de uma tarefa a outra, adota gestuais socialmente aceitáveis, faz-se permeável aos dados do ambiente por meio de um tecido contínuo de sensações”.

Porque estamos sob constante observação, principalmente nas cidades, os gestos devem ser planejados e estar de acordo com o padrão imposto pela sociedade. Le Breton (2011, p. 159) considera que “o olhar é hoje a figura hegemônica da socialidade urbana”. Nesse sentido, se estamos sob constante observação e se, em geral, buscamos atender a um padrão, tudo que difere desse padrão pode chamar a atenção. Em função disso, a vigilância se torna mais forte: se o que destoa pode ferir a ordem, torna-se necessário manter a disciplina, cuja primeira ação se dá por meio do olhar.

Talvez por viver sob constante vigilância e não querer ser percebido ou desejar apenas que as qualidades transpareçam, “o homem ocidental, ao longo de sua vida cotidiana, manifesta implicitamente sua vontade de não sentir o corpo, de esquecê-lo, tanto quanto for possível” (LE BRETON, 2011, p. 195). Com isso, o corpo deve estar sempre obedecer a um determinado padrão, mantendo sempre a discrição.

Se o corpo antes era consumidor, como afirma Rodrigues (1995), agora ele também é consumido e se torna também objeto. O processo de reificação se acentua cada vez mais: “O corpo não é mais um destino ao qual nos abandonamos, ele é um objeto que fabricamos à nossa maneira” (LE BRETON, 2011, p. 247).

De acordo com Le Breton (2011), para cada categoria social, um corpo específico. A força e a resistência, por exemplo, são valorizadas pelas camadas rurais e operárias. Já as categorias dos profissionais liberais, valorizam a aparência e a forma.

Nesse sentido, o momento atual é de exacerbação de certas marcas relativas ao corpo: as técnicas, o apagamento, a disciplina, o enquadramento, a vigilância etc. Feitas essas considerações, retomamos a análise do diário de Maura Cançado Lopes, um corpo que não encontrava lugar na sociedade e, muito menos, no manicômio.

Maura Lopes Cançado, um corpo fora lugar

Maura Lopes Cançado nasceu em São Gonçalo de Abaeté, Minas Gerais, em 1929. Era de uma família tradicional de fazendeiros. Desde criança, gostava de fantasiar. Aos sete anos, contava a seguinte história para os amigos: que era filha de russos, tinha uma irmã chamada Natacha e tinha um tio que havia nascido na China, durante uma viagem de seus avós (MEIRELES, 2014).

Maura casou-se muito cedo: aos 14 anos. Teve um filho, Cesarion Praxedes, aos 15 e se separou logo depois do nascimento da criança. Era uma jovem à frente de seu tempo. Gostava de pilotar aviões, de escrever, de andar bem vestida. Porém, era bastante atormentada. Aos 18 anos, internou-se em um hospício por vontade própria.

Aos 22 anos, resolveu ir para o Rio de Janeiro, onde conviveu com os mais importantes escritores da época e trabalhou no *Jornal do Brasil*. Publicou dois livros que, recentemente, foram relançados: *Hospício é Deus* e *Sofredor do ver*. Na década de 1960, era vista como uma promessa, mas que não se cumpriu em função da sua doença mental: “Esquizofrênica, ela passou por clínicas psiquiátricas e, em uma delas, matou uma interna e foi detida em um manicômio judiciário”. (MEIRELES, 2014). A escritora faleceu em 1993, solitária, esquecida e sem dinheiro – ainda jovem, tinha gastado toda a herança que o pai lhe deixara.

O livro *Hospício é Deus – volume I* é um diário que foi escrito durante a sua internação no Instituto Nise da Silveira, que antes se chamava Gustavo Riedel – Centro Psiquiátrico Nacional. De acordo com o jornalista Mauricio Meireles (2014), o volume 2 do diário teria se perdido quando o editor de Maura à época perdeu o original em um táxi. O manuscrito nunca mais foi recuperado.

Na primeira parte do texto, Maura rememora a infância vivida, segundo ela afirma, “numa bela fazenda do interior de Minas”, onde seu pai “era respeitado e temido como o homem mais rico e valente da região”. (CANÇADO, 1965, p. 13) Considerava-se uma criança bonita – aliás, referir-se constantemente à própria beleza é uma das marcas do texto de Maura. Tinha nove irmãos, dos quais três morreram precocemente.

No diário, Maura revela verdadeiro fascínio pelo pai, que morreu quando ela era ainda jovem, e um extremo narcisismo: “Muito cedo aprendi que tudo me era devido” (CANÇADO, 1965, p. 19). Segundo a autora, da infância vinham suas poucas lembranças despidas de angústia. Entretanto, desde nova, não se considerava ‘normal’: “Não creio ter sido uma criança normal, embora não despertasse suspeitas (...) a verdade é que já era uma candidata aos hospícios onde vim parar”. (CANÇADO, 1965, p. 20)

Em seu texto, Maura constantemente faz referências ao corpo, relacionando-o à angústia: tinha medo, por exemplo, de ser enterrada viva. Tinha o costume de se deitar no chão e gritar com desespero sem motivo nenhum. Afirmava sentir vontade de sofrer e de fazer sofrer, na tentativa de expulsar algo indefinido e insuportável do próprio corpo. (CANÇADO, 1995, p. 25)

Em um trecho, conta que, ao ir à loja da fazenda de seu pai para pedir balas a um empregado, este a sentou no balcão e teve relações sexuais com ela: “Não tive nenhuma reação, creio haver sentido prazer e nojo” (CANÇADO, 1995, p. 25). Segundo Maurício Meireles (2015), este teria sido um dos três estupros que a escritora sofreu.

A escritora rememora a infância e a adolescência, quando passou a frequentar um aeroclube e conheceu seu marido, com quem se casou aos 14 anos. Relembra o rápido casamento e o período em que ficou sozinha, até ser internada no hospício.

A primeira data do diário é de 25 de outubro de 1959. Maura explica que resolveu internar-se, mais uma vez, por conta própria. Ligou para uma enfermeira conhecida, que trabalhava no Hospital Gustavo Riedel e pediu ajuda. Um dos médicos a aceitou e, assim, se inicia o relato de seu período de internação.

É um testemunho sincero e impressionante não apenas do seu sofrimento e de suas companheiras como pacientes psiquiátricas, mas também enorme do descaso com que eram tratadas. Uma cena em que descreve o refeitório do hospital é um exemplo desse descaso:

Gostaria de não sentir fome. É humilhante, como nos chiqueiros. Isto mesmo: comparação exata: jeito de necrotério, sanha de porcos, necrofagia. Não sei exatamente o número. Mais ou menos trezentas mulheres. Mal se entra no refeitório e se sente o cheiro. Cheiro de gente, gente sem se lavar. Algumas mulheres denunciam nos vestidos manchados de sangue a higiene exigida e desprezada aqui. (CANÇADO, 1965, p. 65-67)

As internas são tratadas, muitas vezes, como animais. Parece não haver preocupação com a higiene e, muito menos, com o bem-estar. Foram rejeitadas pela sociedade e estão ali para se manterem dóceis.

Nessa situação, a reação de Maura oscila entre o catatonismo, a carência e a revolta. A escritora afirma: “Faço coisas sem nenhum sentido: permaneço horas deitada no chão do corredor do hospital, danço ballet sobre os bancos, escandalizando os guardas” (CANÇADO, 1965, p. 75).

Em alguns trechos, Maura conta que, ao mesmo tempo em que procurava se relacionar bem com algumas internas, em outros, travava discussões, agredia pacientes, criava problemas, se revoltava contra as enfermeiras, que ela chamava de carcereiras. Às vezes, se mantinha quieta, calada, pensativa. Em outras, saía como um turbilhão pelo hospício, provocando confusão.

Na sua relação com um de seus médicos, o Dr. A., fica evidente a sua carência - “Para mim, é mais do que tratamento. Sinto tamanha necessidade de alguém que me ouça. Como gostaria de ser amada”. (CANÇADO, 1965, p. 89) Em vários momentos, Maura se diz apaixonada por ele, acreditando ser correspondida – “Por que dr. A. me pareceu estar à beira de dizer que me queria sexualmente? Terei me projetado?” (CANÇADO, 1965, p. 164). Esta ilusão parece alegrar seus dias que, na maioria das vezes, são tomados por angústia:

Às vezes caio em profunda depressão, as coisas externas me machucando duras, e, no íntimo, um sofrimento incolor, uma ânsia, um quase desejo a se revelar. Não: um profundo cansaço. Ausência total de dor e alegria. Um existir difícil, vagaroso, o coração escuro como um segredo. (CANÇADO, 1965, p. 108)

Escuro é o seu coração. Escuro é o hospício. Escura é a loucura. Em vez de tratamento, castigo. As práticas adotadas nos manicômios do século XIX relatadas por Foucault (1979) não parecem ter mudado no Rio de Janeiro do final da década de 1950. São os próprios médicos que aprovam os castigos, acreditando que tais medidas ajudariam no tratamento.

Uma das companheiras de Maura, Durvaldina, havia ido para casa, mas voltou mais perturbada. Foi presa em um lugar chamado quarto-forte. Maura reclama com seu psiquiatra, Dr. A, mas este lhe responde, dizendo que considera o quarto-forte uma medida de segurança. Em seguida, Maura explica, em seu diário, que os quartos-fortes do hospital Gustavo Riedel não são como os do cinema, acolchoados e confortáveis. Ao contrário: “são abafados, imundos, nem se pode respirar no seu interior”. (CANÇADO, 1965, p. 175)

Além de serem confinadas, as pacientes também podiam ser vítimas de maus tratos físicos. Em vários momentos, apanham, recebem chutes e pontapés. Até abuso sexual faz parte da rotina do manicômio. A própria escritora revela ter sido vítima tanto do quarto-forte quanto de abuso sexual.

Foi jogada no quarto-forte nua, sem água nem comida durante 24 horas. Foi levada ao local à força por Carmelita, guarda de plantão, que estava acompanhada por dois doentes da seção dos homens. Maura estava nua e eles a tocavam enquanto a guarda lhe aplicava uma

injeção. Em seguida, foi levada a um chuveiro. A escritora demonstrava a recusa em se expor nua e a guarda apenas gritava: “Doido não tem vergonha” (CANÇADO, 1965, p. 267)

São corpos tratados com menos dignidade que recebem os animais. Segundo a autora, o hospital, naquele momento, mantinha um número de doentes três vezes superior ao que podia suportar. Assim, as pacientes eram apenas confinadas, sem receber um tratamento digno.

A descrição que Maura faz do pátio do sanatório é um exemplo deste tratamento. Trata-se de um quadrado cercado por muros, onde as pacientes passam o tempo sem terem muito o que fazer. Metade do ambiente é coberto e a outra metade é descoberta. Um banco frio percorre o pátio. Lá as mulheres ficam nuas ou vestidas, mas não faz diferença. O acesso ao pátio é restrito, ou seja, os visitantes não podem frequentá-lo. É um lugar onde o tempo parece ter parado: “Das sete da manhã às seis da tarde o pátio existe, sufoca, mata, oprime. Um dia. Tempo. Que tempo? Que horas são? Coisas guardadas ou dadas de presente. Ou arrancadas em parto doloroso.” (CANÇADO, 1965, p. 225). Maura procurava evitar o pátio e, quando ia até lá, sentia-se desesperada.

Como quase todos os diários, o diário de Maura Lopes Cançado termina abruptamente. Pelas suas palavras, parece que teria sido vítima de mais uma crise e que o Dr. A. teria se afastado do tratamento.

Depois disso, só o que sabemos é que Maura foi internada ainda outras vezes e, numa das internações, assassinou uma paciente. Ficou presa em um manicômio judiciário. Após ter sido solta, ficou parcialmente cega e viveu só até 1993, quando faleceu.

Considerações finais

Angústia, medo, desespero, dor, solidão, vazio: estas são palavras comuns no diário de Maura Lopes Cançado. Vivendo nesse ambiente e vítima da doença, em alguns momentos, Maura pensa em desistir de tudo e se suicidar. Três coisas, entretanto, pareciam permitir que ela não se entregasse ao torpor e mantivesse alguma conexão com a realidade: seu amor pelo psiquiatra, como vimos anteriormente, a crença em sua beleza e seu diário.

A escritora se achava muito bonita e acreditava que essa beleza era extremamente sedutora: “Estive durante todo o dia chateadíssima. Para não morrer de tédio, trepei no muro, alcancei o telhado do galpão, rasguei meu vestido de lado, dancei lá em cima mais de uma hora. Julgo-me muito sexy. Quando danço, sou deveras insinuante” (CANÇADO, 1965, p. 252).

Mas seu diário era seu verdadeiro refúgio. Parecia servir como um alento, uma espécie de abrigo em um lugar tão inóspito, em que vivia cercada de desesperança, medo e desespero.

Em alguns momentos, Maura afirma que precisa escrever: “Sem ler nem escrever vi-me em pânico” (CANÇADO, 1965, p. 255). Revela ainda que o diário é o que existe de mais importante para ela: “Meu diário é o que há de mais importante para mim. Levanto-me da cama para escrever a qualquer hora, escrevo páginas e páginas”. (CANÇADO, 1965, p. 185).

Escrever, para Maura, era um ato de fé, de esperança. Uma maneira de manter alguma conexão com a lucidez e a realidade. Suas colegas de infortúnio não tinham esse refúgio e muitas se deixavam levar, tornando-se encarceradas em seu próprio mundo.

Maura Lopes Cançado foi um corpo sem lugar. Por sentir-se deslocada na sociedade, internou-se por decisão própria. Entretanto, o hospício revelou-se um espaço cuja função era apenas manter os loucos longe do convívio social, tornando seus corpos o mais dóceis possível.

Referências Bibliográficas

CANÇADO, Maura Lopes. *Hospício é Deus – Diário I*. Rio de Janeiro: José Alvaro Editor, 1965.

FOUCAULT, Michel. *As palavras e as coisas*. São Paulo: Martins Fontes, 1966.

_____. *Vigiar e punir*. Petrópolis: Vozes, 1977.

_____. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

_____. *A ordem do discurso*. São Paulo: Loyola, 2012.

LE BRETON, David. *Antropologia do corpo e modernidade*. Petrópolis: Editora Vozes, 2011.

MEIRELES, Mauricio. A mineira Maura Lopes Cançado começa a ter sua obra redescoberta. *O Globo*. 11 abr 2014. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/cultura/a-mineira-maura-lobes-cancado-comeca-ter-sua-obra-redescoberta-12184270>> Acesso em: 31 mar 2016.

_____. Perfil biográfico. In: CANÇADO, Maura Lopes. *Hospício é Deus – Diário I*. São Paulo: Autêntica, 2015.

REZENDE, Claudia Barcellos; COELHO, Maria Claudia. *Antropologia das emoções*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010.

RODRIGUES, José Carlos. *Higiene e ilusão*. Rio de Janeiro: Nau, 1995.

Enviado em: 21-03-17

Aceito em: 07-09-17